

Heródoto Barbeiro fala sobre o rádio hoje - Entrevista para o Portal Comunique-se

Reproduzimos a seguir uma entrevista sobre rádio, de um dos profissionais mais valorizados do meio, o apresentador Heródoto Barbeiro, da Rádio CBN. A entrevista foi dada ao repórter Rodrigo Rodrigues, da Rádio Agência, e publicada na internet no portal Comunique-se.

Heródoto Barbeiro acaba de lançar o quarto livro em dois anos. Foram dois manuais de rádio e telejornalismo, em parceria com Paulo Rodolfo de Lima, que ensinam como usar a mídia a seu favor. O livro mais recente, baseado num programa radiofônico que faz com Carlos Heitor Cony e Arthur Xexéo, chama-se "Liberdade de expressão". Leia a seguir a íntegra da entrevista:

RA - Quer dizer que agora o senhor virou um escritor compulsivo?

Heródoto Barbeiro - Esse livro é baseado num quadro que você já deve ter ouvido na rádio (CBN), chamado "Liberdade de Expressão", que eu faço com o Cony e o Xexéo. Foi feito assim: marcamos um dia aqui, sentamos os três e pegamos temas maiores. O programa de manhã é muito curto. Por exemplo: Iraque. Gravamos 15 ou 20 minutos sobre o assunto, trocamos idéias. Pegamos quatro ou cinco assuntos grandes e transformamos nesse livro chamado "Liberdade de Expressão". O livro é inédito, e não uma compilação de trechos que já foram ao ar.

RA - O livro foi escrito a seis mãos ?

Heródoto Barbeiro - Não, na verdade ele foi falado a três bocas. Como o papo foi gravado, a gente mandou o material pra editora e eles transcreveram a conversa. Depois, cada um de nós corrigiu a sua parte. Aí foi só fazer uma apresentação e colocar nas livrarias.

RA - Na orelha do livro, você explica o que é "Liberdade de Expressão". Que tal dar uma canja para os nossos leitores?

Heródoto Barbeiro - As pessoas muitas vezes fazem confusão entre liberdade de expressão e liberdade de imprensa. Como os veículos de comunicação pertencem a grandes grupos econômicos, o que se sobrepõe é o editorial. Então, mesmo com liberdade de imprensa, se eu tiver uma divergência do editorial, eu não consigo escrever lá. Quando há liberdade de expressão, eu publico as pessoas que divergem de mim. Existe o espaço para o contraditório, para o debate.

RA - Quando você lançou o "Manual de Radiojornalismo" em 2001, foi um jeito elegante de dizer que a formação do profissional de rádio era incompleta? Existe uma carência de orientação?

Heródoto Barbeiro - Foi pra mexer com o pessoal que está na faculdade e também com quem já trabalha em rádio, o meio é mesmo carente disso. Várias rádios do país adotaram o livro como seu manual de redação. Vou te dar um exemplo do dia-a-dia: o jornalista pode agenciar publicidade? Não deveria, certo? Porque provoca um conflito de interesses. E vai além, provoca um conflito de consciência.

No entanto, se você olhar os grandes programas, são eles que agenciam a publicidade. Alguns não só agenciam a verba como fazem testemunhal. Isso, na minha opinião e na do Paulo (co-autor do Manual), compromete a independência do profissional. E como reflexo, compromete a credibilidade. Se a moçada nova vier imbuída desse conceito, querendo ganhar

bem, mas não fazendo publicidade, eles vão começar a questionar quem faz.

RA - E como um programa independente pode vingar sem que o jornalista "venda a alma ao patrocinador"?

Heródoto Barbeiro - Deixa eu te explicar como funciona aqui na CBN: o cara monta o programa. Sabe quem vende? O departamento comercial da rádio. Por exemplo: tem aqui um programete sobre empresas para entrar no ar, de um minuto, um minuto e meio, certo? Eu contratei um jornalista e vou pagar 4 mil reais por mês a ele. Só que não é ele quem vai vender o programa, e sim o departamento comercial. Ou seja, o profissional se preserva. Agora, imagine se ele e o mídia forem vender para a mesma empresa. Aí um chega e diz que o programa custa 18 mil, depois o outro aparece e diz que vende por 12 mil. E aí, como fica? É bom que o jornalista e o mídia conversem, agora, não dá pra misturar as coisas. Imagine que o patrocínio seja de uma indústria química e aconteça um desastre ecológico. Como o cara vai fazer? Vai dar no programa? E se o anunciante ligar reclamando "pô, eu te arrumei uma verba publicitária e você ainda fala mal de mim?"

RA - Vamos dizer então que o programa precisa entrar no ar mas o departamento comercial ainda não tenha arrumado nada. O ideal é que a rádio comece bancando o salário desse profissional?

Heródoto Barbeiro - Se for um programa importante para a grade, sim, a emissora deve bancar. E digo mais: quando o patrocínio acabar, a rádio deve manter o salário desse profissional até que apareça um novo anunciante. Um prazo de três meses é mais do que razoável. Não é só ganhar dinheiro, a empresa precisa investir também. E o jeito de fazer isso é continuar remunerando esse profissional enquanto não chega um novo patrocínio.

RA - O rádio consegue fugir desse loteamento do horário que caracteriza a TV?

Heródoto Barbeiro - Não, é a mesma coisa. A diferença é que na TV as verbas são maiores, no rádio a coisa é mais pulverizada. O que acontece também são as grandes rádios onde os profissionais recebem para fazer testemunhal. Outro dia mesmo eu recebi uma proposta de uma empresa para ler um texto publicitário no ar. Eu disse que gostaria muito de ganhar aquele dinheiro, mas recusei. Sugeri a eles que colocassem um comercial dentro do programa e passei o caso para o departamento comercial. A credibilidade do jornalista não é feita para vender produtos. Se a rádio tem gente de credibilidade, ela se torna um veículo de credibilidade. Então você põe um comercial lá porque aquela mídia é de credibilidade, o que é a mesma coisa, o impacto no público é o mesmo.

RA - Todo radialista é jornalista?

Heródoto Barbeiro - Não, jornalista é quem segue as regras do jornalismo. Um âncora de rádio pode não ser jornalista. Se for um cara preparado, sem problemas. O sujeito tem que ser um autodidata, tem que ler, entender o que é jornalismo. No momento que ele entende as regras básicas do ofício e tem boa cultura geral, está aprovado. O resto ele aprende no dia-a-dia.

RA - O Heródoto que a gente vê na TV Cultura é o mesmo que a gente ouve na CBN?

Heródoto Barbeiro - As mesmas convicções que eu tenho lá, eu tenho aqui.

Sou a mesma pessoa e espero ser o mesmo jornalista. Há um mito, normalmente criado nas escolas de jornalismo, de que o rádio é muito diferente da televisão. Isso não é verdade. Se você aprende a fazer jornalismo, você faz rádio, TV, qualquer coisa. Ah, na televisão é preciso ler TP (tele-prompter), e daí? Quem é que, fazendo um curso de final de semana, não aprende a ler TP? Até um papagaio aprende isso. Já no rádio existem certas nuances, entonações de voz... coisa que também se aprende num fim de semana. Mas o que as escolas fazem? Pegam o essencial e colocam como secundário, transformando o secundário em essencial. Aí têm disciplinas de radiojornalismo 1, 2 e 3, telejornalismo 1, 2 e 3, pura encheção de lingüiça. Agora, vai lá ver se existe um grande jornalista dando aula, dizendo "olha, nós vamos ter 8 semestres sobre o que é jornalismo". Ética, técnica de reportagens... aulas sobre fazer jornalismo. E quando eu falo isso quero dizer atividade intelectual. O resto é secundário. Quem precisa de seis meses para aprender a segurar um microfone? O que acontece é que falta grana para contratar os grandes profissionais do meio, aí as faculdades pega gente mal ou recém-formada e enchem o curso de penduricalhos.

RA - Depois dessa análise sobre o curso de jornalismo, você acha o canudo indispensável?

Heródoto Barbeiro - Não, não acho. Quando alguém vem aqui me pedir emprego, eu nunca pergunto qual faculdade ele fez. Se o diploma de jornalismo cair de vez, eu vou continuar não perguntando. O que se sair melhor na entrevista, vai ser contratado. Aliás, eu sou favorável a uma desregulamentação geral de todas profissões, a não ser daquelas que mexam com a segurança humana. Medicina, engenharia e mais duas ou três. Veja o seguinte: vamos dizer que eu queira trabalhar numa biblioteca, que eu adore mexer em livro. Se eu não tiver um curso de biblioteconomia, não posso. Se eu quiser trabalhar em uma pesquisa sobre comportamento... também não posso, preciso de um diploma de sociologia. Aí abre uma vaga num museu e eu sou autodidata, gosto de arqueologia... mas também não posso, não tenho curso de história. Aí chega alguém balançando o papel (diploma) e pega o lugar.

RA - Por falar em história, você foi professor antes de virar jornalista. Como foi essa mudança de carreiras?

Heródoto Barbeiro - Olha, eu nunca tinha pensado em ser jornalista. O jornalismo passou na minha frente e eu achei interessante. Aí fui fazer faculdade de jornalismo na Cásper Líbero. Eu tinha uns 35 anos, já era professor de história há tempos. Durante cinco ou seis anos, cheguei a acumular as duas profissões, de jornalista e professor. Eu ia fazer carreira universitária na USP, dei aula por lá durante 12 anos.

RA - E como foi que o jornalismo passou na sua frente?

Heródoto Barbeiro - Nas aulas de história, eu dava uma disciplina chamada atualidades. E para você dar essa matéria, é preciso estar bem informado. Atualidades era o mundo pós 1945 e tudo o que viesse depois. Então eu vivia ouvindo rádio, vendo TV e lendo jornais. Aí, quando o jornalismo passou na minha frente, achei muito parecido com o que eu já fazia. Mas foi uma coisa absolutamente acidental. Eu trabalhava no cursinho Objetivo. Na época, eles resolveram ser o primeiro curso do Brasil a ter um circuito interno de TV. Compraram um equipamento nos EUA, enfiaram numa sala e trancaram a porta. E todo dia eu passava em frente ao estúdio e perguntava que negócio era aquele

lá. Aí diziam que os aparelhos estavam esperando pelos projetos coisa e tal.

Resolvi pedir pra usar nos intervalos das aulas fazendo um jornal de 20 minutos. Perguntaram-me: quem vai apresentar? E eu disse: eu.

Arrumei um técnico, duas câmeras e todo dia eu botava um jornal no ar. Sabe o que aconteceu? Peguei um pouco de prática nisso, depois gravamos um telecurso com 30 horas de História do Brasil. Até que um dia a TV Gazeta precisou de um cara para apresentar um programa semanal à noite. Pronto, lá fui eu. Isso foi em 1975. Depois foi a vez da rádio Jovem Pan precisar de um comentarista de política internacional para o jornal da manhã. Como eu dava aulas de história, atualidades e já estava na TV, fui contratado.

RA - E você sente falta do contato com os alunos?

Heródoto Barbeiro - Não, acho que eu já dei a minha colaboração. Sabe o que eu gostaria de fazer? Deixar o rádio, a TV e um dia virar... advogado. A hora que eu parar com o jornalismo quero estudar direito.

RA - Como o rádio consegue sobreviver a estes tempos de convergência de mídias?

Heródoto Barbeiro - O segredo do rádio é as pessoas precisarem dele. Se ninguém precisar mais do rádio, ele acaba. Por exemplo: eu preciso trabalhar aqui no computador e, ao mesmo tempo, me informar do que está acontecendo. Ou estou dirigindo e não tive tempo de ler o jornal antes de sair de casa, mas preciso chegar informado ao trabalho. Como eu faço? Ouço as notícias, certo? Por isso a gente precisa do rádio. Ninguém vai manter o veículo porque ele é um ícone. Por que ninguém mais faz pirâmides ou esfinges? Não servem mais pra nada! (risos)

RA - E as rádios via internet, ameaçam o formato convencional?

Heródoto Barbeiro - O que é rádio? Comunicação eletrônica, auditiva, à distância. Qualquer coisa nessa linha é rádio. E não a caixinha por onde sai o som. O problema é que as pessoas confundem o conceito com o eletrodoméstico... (risos). Quando eu vou a congressos de rádio e falo essas coisas, nunca mais me convidam! Os donos de rádios ficam bravos comigo... acham que isso (rádio) é só um negócio, e acham que o negócio deles está mingüando. Se isso estiver acontecendo, é por incompetência deles. Os donos dos veículos matam as próprias galinhas dos ovos de ouro.

RA - Para terminar, o que o Heródoto ouve no rádio enquanto dirige de uma emissora para outra?

Heródoto Barbeiro - Além das notícias, ouço a Cultura FM - que eu gosto muito - de vez em quando a Cultura AM, apesar do som não ser muito bom; passo também pela Nova Brasil, Brasil 2000, pedaços da Transamérica... gosto muito da vinhetagem deles, do futebol.

RA - Então você gosta da chamada rádio jovem?

Heródoto Barbeiro - Eu acho o seguinte: cada geração tem a sua estética. Não adianta querer impor a estética passada à rapaziada de hoje. E tem mais: eu usaria muito mais esse formato aqui na CBN se eu pudesse, para rejuvenescer a linguagem da rádio. Você tem que se ligar no que a moçada gosta. Eu ouço pra sentir como o pessoal anda se expressando.